



Análise dos impactos do uso indiscriminado de drogas psicoestimulantes no ambiente universitário

Analysis of the impacts of indiscriminate use of psychostimulant drugs in the university environment

Análisis de los impactos del uso indiscriminado de drogas psicoestimulantes en el entorno universitário

Alessandra Oliveira Nascimento¹, Maria Clara Oliveira Nascimento¹, Mariana Barreto Serra¹.

RESUMO

Objetivo: Analisar os possíveis impactos associados à utilização indevida de drogas psicoestimulantes no ambiente universitário. **Revisão bibliográfica:** A literatura aponta um aumento expressivo no uso não terapêutico de psicoestimulantes, como metilfenidato e lisdexanfetamina, principalmente entre universitários. Esse uso está relacionado a fatores como pressão por desempenho acadêmico, competitividade, influência de colegas e facilidade de acesso, muitas vezes sem prescrição médica. O metilfenidato, em especial, lidera em popularidade, seguido por outras substâncias como lisdexanfetamina e até mesmo a cafeína em altas doses. Os usuários buscam aprimoramento cognitivo, especialmente em períodos de prova, embora a eficácia real para indivíduos sem TDAH não seja comprovada cientificamente. Efeitos colaterais incluem insônia, taquicardia, ansiedade e, em casos graves, psicose e dependência. Agências como ANVISA e FDA adotaram medidas regulatórias para limitar o uso indiscriminado, exigindo receitas específicas e controle rigoroso. **Considerações finais:** O uso abusivo de psicoestimulantes no meio acadêmico representa um problema de saúde pública multifatorial. Estratégias de enfrentamento devem incluir programas de educação em saúde, apoio psicológico, acompanhamento médico e políticas institucionais preventivas. A conscientização sobre os riscos associados ao uso não prescrito dessas substâncias é essencial para proteger a saúde mental e física dos estudantes, promovendo um ambiente acadêmico mais equilibrado.

Palavras-chave: Abuso de medicamentos, Psicoestimulantes, Metilfenidato, Aprimoramento cognitivo.

ABSTRACT

Objective: To analyze the possible impacts associated with the mis use of psychostimulant drugs in the university environment. **Literature review:** The literature points to a significant increase in the non-therapeutic use of psychostimulants, such as methylphenidate and lisdexamfetamine, especially among university students. This use is related to factors such as pressure for academic performance, competitiveness, peer influence, and ease of access, often without a prescription. Methylphenidate, in particular, leads in popularity, followed by other substances such as lisdexamfetamine and even caffeine in high doses. Users seek cognitive enhancement, especially during exam periods, although the real efficacy for individuals without ADHD has not been scientifically proven. Side effects include insomnia, tachycardia, anxiety, and, in severe cases, psychosis and dependence. Agencies such as ANVISA and FDA have adopted regulatory measures to limit indiscriminate use, requiring specific prescriptions and strict control. **Final considerations:** The abusive use of psychostimulants in the academic environment represents a multifactorial public health problem. Coping strategies should include health education programs, psychological support, medical monitoring, and preventive institutional policies. Raising awareness of the risks associated with the non-prescription use of these substances is essential to protect students' mental and physical health, promoting a more balanced academic environment.

Keywords: Drug abuse, Psychostimulants, Methylphenidate, Cognitive enhancement.

¹Afya Faculdade de Ciências Médicas de Santa Inês, Santa Inês - MA.

RESUMEN

Objetivo: Analizar los posibles impactos asociados al uso indebido de fármacos psicoestimulantes en el ámbito universitario. **Revisión bibliográfica:** La literatura indica un aumento significativo en el uso no terapéutico de psicoestimulantes, como metilfenidato y lisdexanfetamina, especialmente entre estudiantes universitarios. Este uso está relacionado con factores como la presión por el rendimiento académico, la competitividad, la influencia de los pares y la facilidad de acceso, muchas veces sin prescripción médica. El metilfenidato, en particular, lidera el ranking en popularidad, seguido por otras sustancias como lisdexanfetamina e incluso la cafeína en dosis altas. Los usuarios buscan una mejora cognitiva, especialmente durante los períodos de exámenes, aunque la eficacia real para personas sin TDAH no está científicamente probada. Los efectos secundarios incluyen insomnio, taquicardia, ansiedad y, en casos graves, psicosis y dependencia. Agencias como ANVISA y FDA han adoptado medidas regulatorias para limitar el uso indiscriminado, exigiendo recetas específicas y un control estricto. **Consideraciones finales:** El uso abusivo de psicoestimulantes en el ámbito académico representa un problema de salud pública multifactorial. Las estrategias de afrontamiento deben incluir programas de educación para la salud, apoyo psicológico, seguimiento médico y políticas institucionales preventivas. Concientizar sobre los riesgos asociados al uso sin receta de estas sustancias es esencial para proteger la salud mental y física de los estudiantes, promoviendo un ambiente académico más equilibrado.

Palabras clave: Abuso de medicamentos, Psicoestimulantes, Metilfenidato, Mejora cognitiva.

INTRODUÇÃO

O uso de substâncias estimulantes é uma constante na sociedade devido às suas propriedades funcionais alteram os mecanismos fisiológicos cognitivos humanos. Psicoestimulantes, como metilfenidato e dimesilato de lisdexanfetamina, são recomendados para o tratamento do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Esses, todavia, são cada vez mais procurados por estudantes universitários sem o transtorno, que buscam melhorar a concentração. Estes estudantes, pressionados pela intensa carga horária e volume de conteúdo, recorrem a esses medicamentos sem prescrição médica, ignorando os potenciais riscos a longo prazo (SILVA IHA, et al, 2020).

Dois dos principais fármacos utilizados sem prescrição médica para aprimoramento cognitivo são o metilfenidato e a dexamfetamina (ESPOSITO M et al., 2021; SHARIF S et al., 2021). O metilfenidato, cuja medicação de referência é a Ritalina, e a lisdexanfetamina, cuja referência é o Venvanse, são indicados para o tratamento do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). No entanto, quando utilizados como estimulantes cognitivos por indivíduos sem TDAH, sua eficácia é variável e não apresenta um padrão bem estabelecido (ROBERTS CA, et al., 2020). A lisdexanfetamina é uma anfetamina que possui como principal efeito a estimulação do Sistema Nervoso Central.

Dessa forma, tem como finalidade o tratamento do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) e do transtorno da compulsão alimentar periódica, limitando-se a essas indicações (RIBEIRO WMV, et al., 2020). O mecanismo do dimesilato de lisdexanfetamina age na liberação de catecolaminas e no bloqueio da captação delas. Dessa forma, é provável que depois de sua utilização e hidrólise, a ad-anfetamina liberada pela lisdexanfetamina, atue na disponibilização de norepinefrina (NET), ocasionando, assim, uma ação excitatória do sistema nervoso central (SNC). Pode-se observar, portanto, que esse fármaco tem um efeito positivo tanto na melhora cognitiva quanto na redução dos sintomas em pessoas com TDAH (SILVA IHA, et al., 2020).

As anfetaminas atuam tanto no sistema nervoso central quanto no periférico. Devido à sua solubilidade em lipídios, elas conseguem atravessar rapidamente a barreira hematoencefálica. Essas substâncias têm como principal local de ação o cérebro, onde alteram os níveis de dopamina e noradrenalina disponíveis nos neurônios pós-sinápticos. Ao inibir os transportadores responsáveis pela captação de dopamina e norepinefrina, as anfetaminas são capazes de aumentar a quantidade desses neurotransmissores na fenda sináptica (PLUMBER N, et al., 2021). O metilfenidato, por sua vez, atua no sistema nervoso central (SNC) bloqueando a recaptção de dopamina e noradrenalina nos neurônios pré-sinápticos. Sendo mais preciso, tem como função a inibição dos transportadores destes neurotransmissores, tendo, conseqüentemente, os níveis de dopamina e noradrenalina elevados na fenda sináptica.

Ocasionalmente, isto produz um efeito estimulante clássico no sistema nervoso central (SNC), especialmente no córtex pré-frontal, gerando um aumento da atividade motora, melhora da concentração e diminuição da necessidade de sono. Esse fármaco tem sua metabolização no fígado em ácido ritalínico pela carboxilesterase CES1A1, processo chamado desesterificação. (SOUZA EON e BAIENSE ASR, 2023). Os estudantes do curso de medicina estão em um dos grupos mais vulneráveis à utilização de forma abusiva desses psicoestimulantes com a finalidade de potencializar as atividades cognitivas. No entanto, o uso não prescrito desses psicoestimulantes entre os acadêmicos não está isento de riscos e implicações adversas (ALVES MF, et al., 2021). Portanto, este artigo teve como objetivo discutir com base nas literaturas mais recentes os possíveis riscos associados à utilização indevida dessas anfetaminas por universitários para aprimoramento cognitivo.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Fatores que contribuem para o uso de psicoestimulantes entre os universitários

O meio acadêmico é composto principalmente por jovens de diversas realidades, com mudanças de rotina que frequentemente afetam sua qualidade de vida. Devido a isso e à alta demanda por desempenho, o uso de psicoestimulantes por estudantes saudáveis tem aumentado. Sabe-se que a universidade é um ambiente que incentiva a aprendizagem e a pesquisa para desenvolver ciência, e isso requer um alto nível de trabalho e dedicação pelos estudantes, tornando-a um espaço altamente competitivo. Por conta disso, os estimuladores cerebrais são cada vez mais usados como melhoradores cognitivos, especialmente entre acadêmicos que não apresentam nenhum distúrbio cognitivo conhecido, a fim de aumentar o estado de alerta, memória ou concentração, na expectativa de que eles potencializarão seu rendimento durante avaliações e estudos (SHARIF S, et al., 2021).

Ademais, os acadêmicos buscam aprimorar seu desempenho lidando com uma pressão significativa para se destacarem em um local altamente competitivo. Acreditam que o uso desses medicamentos estimulantes pode aumentar sua concentração, foco e produtividade, permitindo-lhes estudar por horas prolongadas e aprender mais conteúdos. Além disso, alguns estudantes enfrentam déficits de atenção e concentração, fator que prejudica seu desempenho acadêmico. Uma outra motivação é a crença em resultados rápidos. Esses fármacos estimulantes podem oferecer resultados imediatos, elevando a disposição e a motivação (NASÁRIO BR E MATOS MPP, 2022).

Nesse contexto, o uso desses psicofármacos também pode ser influenciado por colegas que fazem o uso com a finalidade de aprimorar o desempenho acadêmico. A pressão social, necessidade de aceitação e o amplo uso desses componentes dentro das instituições pode levar os estudantes a experimentarem essas drogas psicoestimulantes, mesmo sem prescrição médica. É importante destacar que o uso não prescrito desses medicamentos pode acarretar riscos significativos à saúde, tais como efeitos colaterais adversos, dependência e problemas cardiovasculares (NETO AC, et al., 2024).

Um estudo realizado com 17.594 estudantes de 40 países europeus avaliou o impacto da pandemia de COVID-19 no consumo de álcool, canabinoides, psicoestimulantes e sedativos durante o período. Observou-se que na pandemia, houve uma redução no consumo de álcool e psicoestimulantes, enquanto o uso de sedativos aumentou. Sugerindo assim que as restrições sociais e mudanças no estilo de vida impostas pela pandemia influenciaram significativamente os padrões de consumo de substâncias entre estudantes europeus. Entendeu-se que a restrição de interações sociais contribuiu para a diminuição do consumo de álcool e psicoestimulantes, mas aumentou o uso de sedativos e a frequência de seu uso. (BABICKI M, 2022).

Um estudo conduzido com 880 estudantes universitários em Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, investigou o uso de neuroestimulantes nessa população. Os resultados revelaram que 89,2% dos participantes relataram consumir pelo menos um tipo de neuroestimulante. As substâncias mais consumidas foram cafeína, nicotina, ecstasy e metilfenidato. Entre os não usuários, a razão mais citada para a abstinência foi o conhecimento prévio sobre os efeitos nocivos dessas drogas. As principais motivações para o consumo incluíram a melhoria do desempenho acadêmico e o uso recreativo.

Observou-se que as mulheres consumiam mais frequentemente cafeína (72,7%), enquanto outros psicoestimulantes eram mais consumidos por homens (42,2%) e indivíduos de outros gêneros (0,5%). Além disso, estudantes que consumiam substâncias além da cafeína apresentavam renda familiar mais alta e, em sua maioria (63,3%), não residiam com familiares, ao contrário dos consumidores de cafeína, dos quais 60,4% viviam com a família. Esses achados fornecem dados essenciais sobre os motivos e padrões associados ao uso de neuroestimulantes entre universitários, podendo auxiliar na conscientização de estudantes, universidades e órgãos de saúde sobre esse tema frequentemente negligenciado.

Epidemiologia do uso indiscriminado de drogas estimulantes

O uso indiscriminado de drogas estimulantes é um desafio significativo de saúde pública nos centros universitários. Um estudo realizado entre 2017 e 2019 com 297 estudantes de uma grande universidade pública nos Estados Unidos investigou os fatores acadêmicos que influenciam o uso indevido de estimulantes prescritos. Os participantes, calouros e alunos do segundo ano, participaram de avaliações laboratoriais e usaram métodos de avaliação ecológica momentânea em suas rotinas diárias. Analisando as hipóteses por meio de modelos multiníveis que consideraram a estrutura aninhada dos dados e variáveis demográficas, o estudo revelou que eventos acadêmicos específicos estavam associados às intenções e ao comportamento real de uso indevido de estimulantes.

Eventos acadêmicos em tempo real e a quantidade de eventos vivenciados foram preditores significativos desse comportamento, especialmente durante o período de provas finais. As conclusões sugerem a necessidade de estratégias de prevenção e intervenção focadas em estudantes universitários suscetíveis ao uso inadequado de medicamentos prescritos (BARRINGER A e PAPP LM, 2022). Um outro estudo realizado em 2013 com estudantes de medicina nos Estados Unidos revelou que 15% deles fazem o uso desses fármacos durante o curso e constatou que 83% dos acadêmicos utilizaram essas substâncias especialmente para aprimoramento do desempenho acadêmico. Em outra pesquisa realizada no Equador com estudantes de medicina, constatou-se uma prevalência de 62,4% de consumo durante a vida de psicofármacos. Por outro lado, um estudo brasileiro com o mesmo público, revelou uma prevalência de 57% (DE CASTRO BP E BRANDÃO ER, 2020).

Com a capacidade de elevar a motivação e o estado de alerta, esses medicamentos reduzem a necessidade de descanso e oferecem melhora no humor e no desempenho cognitivo. Um estudo na Arábia Saudita revelou que a principal motivação para o uso indiscriminado dessas drogas entre estudantes é a tentativa de prolongar o tempo de estudo (ALRAKAF FA, et al., 2020). Na Europa, uma pesquisa demonstrou que a insônia é comum entre jovens universitários, relacionando-se ao uso de psicoestimulantes como forma de compensar a baixa qualidade do sono (NAVARRO-MARTINEZ R, et al., 2020).

Em uma coleta de dados feita na Universidade Federal do Sul de Minas Gerais, foi evidenciado que metade dos estudantes que utilizavam psicoestimulantes o faziam antes dos testes. Outros estudos mostraram que a razão para a utilização do metilfenidato sem prescrição médica buscava uma melhora do desempenho acadêmico, elevação das horas acordado, otimização da concentração, capacidade de atenção e memória amplificada (AMARAL NA, et al., 2022). De acordo com um estudo realizado por estudantes universitários do Norte do Paraná, de 142 participantes, sendo 58,5% do sexo feminino (correspondendo a 83 entrevistados) e 41,5% do sexo masculino (59 entrevistados), apenas 24,8% dos acadêmicos que fazem o uso de metilfenidato possuem indicação para tal. Também prevaleceu a quantidade de pessoas que disseram usar somente em épocas de provas e concursos, sendo que 61,33% (n = 53) confessaram utilizar apenas em caso de necessidade.

Dito isso, é perceptível que o uso de psicoestimulantes torna-se comum especialmente em vésperas de provas (CAMPOS PC, et al., 2020). A localização geográfica e as características demográficas dos indivíduos analisados em estudos são fatores que contribuem para a prevalência da utilização indevida de psicoestimulantes. Em outras análises realizadas, foi demonstrado que há uma menor propensão de uso entre indivíduos do sexo feminino comparados ao masculino (NASÁRIO BR E MATOS MPP, 2022).

Impactos do uso indiscriminado de psicoestimulantes

O aumento no uso de metilfenidato e dimesilato de lisdexanfetamina sem prescrição entre universitários visa melhorar o desempenho cognitivo, especialmente em períodos de estudo intenso e estresse elevado. A automedicação é a prática de utilizar medicamentos por conta própria, sem a orientação de um profissional de saúde, para tratar sintomas percebidos ou doenças auto-diagnosticadas. Entre universitários, a automedicação é um comportamento relativamente comum, especialmente devido às pressões acadêmicas e sociais. Os estudantes frequentemente recorrem a medicamentos sem receita médica, incluindo analgésicos, antibióticos, e, notavelmente, psicoestimulantes, com a intenção de melhorar o desempenho acadêmico ou lidar com o estresse e a ansiedade (ARAUJO AFLL, et al., 2021).

Pesquisadores investigaram as razões usadas pelos universitários para a utilização ilegal desses nootrópicos, observando a percepção errônea das suas consequências por parte dos acadêmicos. Além disso, destacou-se por meio de outro estudo que o uso indiscriminado e ilegal dessas substâncias está relacionado com danos à saúde secundários ao uso desses medicamentos (ALVES MF, et al., 2021). O uso abusivo da lisdexanfetamina traz grandes riscos à saúde dos indivíduos que a praticam, podendo levar a dependência psicológica em diferentes graus. De modo complementar, os fármacos simpaticomiméticos usualmente apresentam efeitos adversos bem comuns, tais como dor epigástrica, dor abdominal, alterações na função hipofisária e sexual, ansiedade, irritabilidade, insônia, taquicardia, arritmias cardíacas e disforia (ROSA AF, et al., 2021).

O cloridrato de metilfenidato é uma variante da amfetamina indicado para tratamento da sonolência diurna excessiva em pacientes com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) e narcolepsia, porém seus efeitos farmacológicos como psicoestimulante são alterações no humor e na excitação, além de dependência. Esse tipo de fármaco aumenta a concentração de dopamina, um neurotransmissor associado à satisfação, que tem um estímulo de encanto no cérebro, fazendo com que o paciente queira utilizar mais do que a dose prescrita, de modo a torná-lo dependente (DUTRA EP E LOBO LC, 2023).

Nota-se que esses psicoestimulantes tendem a diminuir o apetite, apesar de que, em muitos casos, ocorra uma adequação do corpo a esse efeito. Ademais, esses medicamentos podem induzir uma elevação da frequência cardíaca e aumento da pressão arterial (hipertensão), sucedendo ocasionalmente palpitações. Efeitos colaterais menos usuais incluem uma possível estimulação de distúrbios do movimento, como tiques e sintomas semelhantes aos do Transtorno de Tourette, assim como discinesias, usualmente com tempo de duração limitado a um período de sete a dez dias. Elevadas doses de simpaticomiméticos podem ocasionar sintomas como xerostomia, midríase, bruxismo, formigamento, excitação excessiva, inquietação, instabilidade emocional e, comumente, alguns casos podem apresentar convulsões (STAHL SM, 2018).

O uso contínuo de altas doses pode acarretar um transtorno delirante que é semelhante à esquizofrenia paranoide. Superdosagens desses fármacos podem ocasionar hipertensão, taquicardia, hipertermia, psicose tóxica, delírio, hiperpirexia, convulsões, angina, arritmias cardíacas, bloqueio cardíaco, choque e náuseas. O abuso de fármacos estimulantes do SNC pode ter como consequência uma série de distúrbios e complicações. Alguns indivíduos ainda sofrem com os sintomas de abstinência, tais como fadiga, distúrbios do sono e depressão, enquanto doses incorretas podem resultar em insuficiência cardiovascular ou convulsões letais (SILVA IHA, et al., 2020).

Políticas Públicas e Medidas Preventivas

O uso de psicoestimulantes, particularmente para o tratamento de transtornos como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), está rigidamente regulamentado em muitas partes do mundo. As políticas públicas têm se concentrado em equilibrar a necessidade médica desses medicamentos com a prevenção de seu uso indevido e abuso. Nos Estados Unidos, por exemplo, a Food and Drug Administration (FDA) classifica psicoestimulantes como substâncias controladas da Classe II, devido ao seu alto potencial de abuso e dependência.

Essa classificação impõe restrições rigorosas sobre a prescrição e a dispensação desses medicamentos, exigindo receitas médicas detalhadas e, em muitos casos, limitando a quantidade que pode ser prescrita em um determinado período (LOPES FM, et al., 2021). No Brasil, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária

(ANVISA) regula a prescrição e o uso de psicoestimulantes, exigindo receitas especiais e relatórios periódicos sobre o uso desses medicamentos. As regulamentações visam reduzir o risco de abuso, garantindo que os medicamentos sejam utilizados apenas para fins terapêuticos legítimos.

Além disso, a ANVISA promove campanhas de conscientização sobre os riscos associados ao uso indevido de psicoestimulantes e a importância do uso responsável desses medicamentos (OLIVEIRA FS, et al., 2023). Para prevenir o uso indiscriminado de psicoestimulantes e promover a conscientização sobre os riscos, várias medidas preventivas e educativas têm sido propostas e implementadas. Uma abordagem fundamental é a educação continuada para profissionais de saúde.

Programas de treinamento que ensinam os médicos a identificar sinais de abuso de substâncias e a realizar uma prescrição responsável são cruciais. A triagem pode ser realizada através de questionários anônimos ou entrevistas estruturadas, seguidas por sessões de aconselhamento individual ou em grupo, que fornecem suporte e orientações sobre como lidar com a pressão acadêmica sem recorrer ao uso de medicamentos. Esses programas também enfatizam a importância de monitorar regularmente os pacientes em tratamento com psicoestimulantes para detectar precocemente qualquer sinal de uso indevido (NETO AC, et al., 2024). Políticas de suporte, como o acesso a serviços de saúde mental, também são fundamentais para prevenir o uso indevido de psicoestimulantes.

Garantir que estudantes e jovens adultos tenham acesso fácil a serviços de aconselhamento e tratamento de saúde mental pode reduzir a necessidade percebida de automedicação com psicoestimulantes. Programas de saúde mental que oferecem suporte emocional, técnicas de gerenciamento de estresse e habilidades de enfrentamento podem ajudar a abordar as raízes do uso indevido de psicoestimulantes, promovendo a saúde mental e o bem-estar geral (LOPES FM, et al., 2021). Programas de educação e prevenção são essenciais para informar os estudantes sobre os riscos do uso indiscriminado de psicoestimulantes. Universidades podem implementar workshops, palestras e campanhas de sensibilização.

Grupos de apoio e terapia de grupo, como os oferecidos por Narcóticos Anônimos (NA), proporcionam um ambiente de apoio onde os estudantes podem compartilhar experiências e estratégias de enfrentamento. Intervenções de saúde digital, incluindo aplicativos de saúde mental e plataformas online de terapia, oferecem suporte contínuo e monitoramento remoto, sendo úteis para estudantes com dificuldades de acessar serviços de saúde mental presencialmente (HARTMANN AFG, 2022).

No que diz respeito ao tratamento, as intervenções psicológicas são fundamentais. A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) é amplamente utilizada para ajudar os estudantes a identificar e modificar padrões de pensamento e comportamento que contribuem para o abuso de psicoestimulantes. A Entrevista Motivacional (EM), uma técnica centrada no paciente, visa aumentar a motivação intrínseca para mudar o comportamento de uso de substâncias, sendo eficaz na fase inicial do tratamento. Em alguns casos, o tratamento farmacológico pode ser indicado para tratar comorbidades psiquiátricas ou para ajudar na redução dos sintomas de abstinência, como o uso de antidepressivos para estudantes que apresentam sintomas depressivos (MOREIRA EC, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de psicoestimulantes entre universitários, especialmente metilfenidato e lisdexanfetamina, é uma questão complexa que envolve fatores sociais, acadêmicos e psicológicos. A busca pelo aprimoramento cognitivo, motivada por uma intensa carga horária e pressão acadêmica, tem levado muitos estudantes a recorrerem a essas substâncias sem prescrição médica, ignorando os riscos à saúde. Os estudos apresentados demonstram que o uso indevido desses medicamentos é preocupante, com prevalências elevadas em diversos países, incluindo Brasil, Estados Unidos e Equador. Embora esses fármacos proporcionem aumento na concentração, estado de alerta e desempenho cognitivo, os efeitos adversos, como dependência, insônia, taquicardia e problemas psicológicos, são consequências importantes a serem consideradas. Além disso, a influência do ambiente acadêmico competitivo e da pressão social para alcançar um desempenho elevado contribui para a perpetuação desse comportamento. A falta de orientação médica e

o uso recreativo desses medicamentos evidenciam a necessidade de intervenções que visem a conscientização dos estudantes sobre os riscos associados. Estratégias de educação em saúde e acompanhamento psicológico são essenciais para mitigar o uso inadequado de psicoestimulantes e promover um equilíbrio saudável entre o desempenho acadêmico e o bem-estar mental dos estudantes. A implementação de políticas universitárias para reduzir a competitividade exacerbada e oferecer suporte emocional pode ser um caminho eficaz para enfrentar esse problema de saúde pública.

REFERÊNCIAS

1. ALRAKAF FA, et al. Illicitstimulant use among medical students in Riyadh, Saudi Arabia. *Cureus*, 2020; 12(1).
2. ALVES MF, et al. Estudo do uso de psicoestimulantes por acadêmicos de enfermagem. *Revista Científica de Enfermagem*, 2021; 11(34): 287-295.
3. AMARAL NA, et al. Precisamos falar sobre uso de Metilfenidato por estudantes de medicina-revisão da literatura. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 2022; 46: 60.
4. ARAUJO AFLL, et al. Automedicação de psicofármacos entre estudantes universitários de odontologia e medicina. *Revista Internacional de Educação Superior*, 2021; 7: 21037.
5. BABICKI M. Use of alcohol, cannabinoids, psychostimulants, and sedatives before and during the covid-19 pandemicamong students in 40 european countries. *Int J Environ Res Public Health*, 2022; 19(22): 14879.
6. BARRINGER A e PAPP LM. Academic factors associated with college students' prescription stimulant mis use in daily life: Anecological analysis of multiple levels. *Journal of American College Health*, 2022; 70(7): 2008-2016.
7. CAMPOS PC, et al. Uso indiscriminado de Ritalina® por estudantes universitários do Norte do Paraná, Brasil. *Revista Brasileira de Revisão de Saúde*, 2020; 5: 14690-14696.
8. CASTRO BP e BRANDÃO ER. Circulation of information on drugs and other substances to in crease cognitive performance: a studyof a Brazilian blog (2015-2017). *Salud Colectiva*, 2020; 16: 2514.
9. DUTRA EP e LOBO LC. O uso de metilfenidato como droga de abuso entre acadêmicos. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 2023; 9(11): 1483-1495.
10. ESPOSITO M, et al. Smart drugs and neuro enhancement: what do weknow? *Frontiers in Bioscience-Landmark*, 2021; 26(8): 347-359.
11. FERREIRA CDC e QUEIROZ CRADA. Cafeína: uso como estimulante por estudantes universitários. *Revista Inova Ciência & Tecnologia/Innovative Science & Technology Journal*, 2020; 16-21.
12. HARTMANN AFG. A eficácia terapêutica (variável) de regras de interação social: uma etnografia das salas de reunião dos Alcoólicos Anônimos e Narcóticos Anônimos em São Paulo (2016-2022). Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2022.
13. HASHEMIAN SMR e FARHADI T. A review on moda finil: the characteristics, function, and use in critical care. *Journal of drug assessment*, 2020; 9(1): 82-86.
14. LAET BCPDC, et al. Uso de metilfenidato por estudantes universitários: Uma revisão de literatura. *Revista Científica FACS*, 2022; 22(2): 30-39.
15. LOPES FM, et al. Psicoterapias e abuso de drogas: uma análise a partir de diferentes perspectivas teórico-metodológicas. Editora CRV, 2021.
16. MAIA M, et al. Self-reported neurostimulant use among university students in Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brazil. *Journal of ethnicity in substance abuse*, 2024: 1–15.
17. MIRANDA BAA, et al. As consequências e motivações do uso, sem prescrição médica, de derivados de metilfenidato, por estudantes de medicina. *Cad de Graduação-Ciências Biológicas e da Saúde-UNIT-ALAGOAS*, 2021; 7(1): 137.
18. MOREIRA EC. Psicose e drogas: estado mental de risco e primeiro episódio psicótico em usuários de maconha. *SciELO-EDUFBA*, 2022.
19. NASÁRIO BR e MATOS MPP. Uso não prescrito de metilfenidato e desempenho acadêmico de estudantes de medicina. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 2022; 42: 235853.

20. NAVARRO-MARTÍNEZ R, et al. Sleep quality and its association with substance abuse among university students. *Clinical Neurology and Neurosurgery*, 2020; 188: 105591.
21. NETO AC, et al. O Estudante de Medicina. Editora da PUCRS, 2024.
22. OLIVEIRA FS, et al. Consumo de psicoestimulantes por estudantes de medicina em um centro universitário privado. *Revista Científica da Escola Estadual de Saúde Pública de Goiás "Cândido Santiago"*, 2023; 9: 1-97.
23. PLUMBER N, et al. Stimulant use among medical students for cognitive enhancement: A systematic review. *Cureus*, 2021; 13(5).
24. RAMOS JLV, et al. Uso de psicoestimulantes de venda livre por estudantes universitários da área da saúde. *Revista Científica FACS*, 2023; 23(2): 80-93
25. RIBEIRO WMV, et al. Efeito da terapia farmacológica e do treinamento resistido sobre respostas comportamentais no modelo experimental de TDAH, 2020.
26. ROBERTS CA, et al. How effective are pharmaceuticals for cognitive enhancement in healthy adults? A series of meta-analyses of cognitive performance during acute administration of modafinil, methylphenidate and D-amphetamine. *European Neuropsychopharmacology*, 2020; 38: 40-62.
27. RODRIGUES LDA, et al. Uso não prescrito de metilfenidato por estudantes de uma universidade brasileira: fatores associados, conhecimentos, motivações e percepções. *Cadernos Saúde Coletiva*, 2021; 29(4): 463-473.
28. ROSA AF, et al. O uso de Metilfenidato (Ritalina®) por estudantes de Medicina de um Centro Universitário de Porto Velho. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2021; 13(4): e6846.
29. SHARIF S, et al. The use and impact of cognitive enhancers among university students: a systematic review. *Brainsciences*, 2021; 11(3): 355.
30. SILVA IHA, et al. Uso indevido de Metilfenidato por universitários da área da saúde: revisão sistemática. *Comunicação em Ciências da Saúde*, 2020; 31(4): 33-42.
31. SILVA LVS, et al. Farmacoterapia do transtorno do déficit de atenção, 2020.
32. SOUZA EON e BAINENSE ASR. Uso indiscriminado de psicoestimulantes para estudantes universitários. *Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação*, 2023; 9(9): 3442-3457.
33. SOUZA IT, et al. A evolução dos psicofármacos no tratamento da depressão. *Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research*, 2021; 33(2): 109-114.
34. STAHL SM. Fundamentos de psicofarmacologia de Stahl-: guia de prescrição. Artmed Editora, 2018.
35. STEINGARD R, et al. New formulations of stimulants: an update for clinicians. *Journal of child and adolescent psychopharmacology*, 2019; 29(5): 324-339.
36. VONGSIRIMAS N, et al. Evaluating psychometric properties of the thai-version alcohol smoking and substance involvement screening test (ASSIST). *Journal of Substance Use*, 2024; 29(2): 258-263.